

“O EJA vem propiciando aos alunos a possibilidade de se tornarem protagonistas de sua própria aprendizagem, incentivando a participação ativa neste processo. Com a aquisição de novos saberes, nossos estudantes relatam que começaram a se sentir mais confiantes, conseguindo se comunicar com mais fluência, se informarem e se arriscarem em outros desafios, inclusive o de buscarem formação técnica após a conclusão do ensino fundamental”, disse Ana Claudia Souza, coordenadora do EJA de São José dos Campos.

Esse foi o caso de Rosemeire Aparecida Vitorino Batista, 32 anos, que está cursando o 9º ano. “Parei de estudar aos 11 anos, Com o retorno aos estudos consegui um emprego na área de higiene hospitalar. Meu objetivo é cursar enfermagem”, contou.

Seu colega, o baiano Elio Cândido dos Santos, 42, que nunca tinha estudado pela dificuldade de chegar até a escola também melhorou de vida por causa dos estudos. “Quando eu queria ler alguma coisa ou escrever um bilhete tinha de pedir ajuda para outra pessoa. Com 40 anos resolvi começar a estudar e hoje, graças a Deus, sei ler e escrever”, falou. “Trabalho na área de jardinagem e agora consigo dividir as quantidades por lote. Isso para mim é muito importante!”.

SOPA DE LETRAS.

Em pleno 2019, o analfabetismo ainda é uma ferida aberta no Brasil. Entre a população com mais de 15 anos, segundo dados são do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), cerca de 11 milhões não sabem ler e escrever. O número representa 6,8% dessa população.

O analfabetismo atinge principalmente a camada mais pobre, nas zonas rurais do país. São casos de pessoas que tiveram de largar a escola muito cedo ou que nem a frequentaram porque tiveram de partir para o mercado de trabalho ainda crianças.

De acordo com os dados do instituto, “na análise por cor ou raça, em 2018, 3,9% das pessoas de 15 anos ou mais - de cor branca - eram analfabetas, percentual que se eleva para 9,1% entre

pessoas de cor preta ou parda. No grupo etário 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo das pessoas de cor branca alcança 10,3% e, entre as pessoas pretas ou pardas, amplia-se para 27,5%”, descreve nota.

Tais números coloca o Brasil na 8ª colocação em um ranking mundial do analfabetismo entre os adultos. Perdendo apenas para a China, Índia, Paquistão, Bangladesh, Nigéria, Etiópia e Egito.

Em São José dos Campos a situação também não é diferente. Segundo pesquisa da Seade (Portal de Estatística do Estado de São Paulo), o analfabetismo atinge 3% da população joseense, em comparação aos 4,3% no Estado. Os idosos representam 11,5%, ao passo que entre os mais jovens (15 a 29 anos) a proporção é de 0,9%. No Estado, esses valores são, respectivamente, 14,1% e 1,1%.

Para coordenadora do EJA de São José dos Campos, Ana Claudia Souza, os desafios são grandes. “Vemos que há pouca mudança quanto ao número de inscritos, mantendo uma constante. Porém, felizmente, o número de alunos evadidos, aqueles que desistem e deixam de frequentar as aulas, vem diminuindo, resultado do trabalho intenso das equipes gestoras das escolas e da equipe técnica da Secretaria de Educação e Cidadania”, avalia.

INVESTIMENTO.

A falta de investimentos pode ser a



Futuro. Lieci Sarapiano, que reencontrou a esperança nos estudos

causa da não diminuição do número de analfabetos.

“Para um gestor público, prefeito, governador, interessa muito mais investir em educação básica, não na Educação de Jovens e Adultos, porque é uma parcela muito pequena”, criticou Maria do Rosário Longo Mortatti, professora titular da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e também presidente emérita da Associação Brasileira de Alfabetização, em entrevista à “Agência Brasil”.

Atrapalha também um antigo raciocínio entre gestores públicos de que a renovação das gerações extingiria o analfabetismo absoluto no passar dos anos. “O ex-ministro [da educação] já



Foto: Claudio Vieira/PMSJC